

## A ORALIDADE EM CENA: O USO DO GÊNERO TEXTUAL SEMINÁRIO EM SALA DE AULA

Raira de Farias Vilar<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta reflexões sobre o gênero textual oral seminário, assim os possíveis direcionamentos para seu uso em sala de aula. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo analisar as principais características e funcionalidades do gênero seminário; quais suas finalidades; como utilizá-lo em sala de aula, de maneira contextualizada e coerente para facilitar o ensino/aprendizagem. Para que a pesquisa seja concretizada, contamos com os subsídios de Silva (2013), Marcuschi (2007), Meira e Silva (2016) e Rojo e Schneuwly (2006), dentre outros, que deram aparato teórico à pesquisa. Ao final, espera-se concluir que o gênero seminário é um recurso didático importante para o processo de aprendizagem, uma vez que trabalha os processos de escrita e oralidade de maneira contextualizada, além de instigar a autonomia e desempenhar papel importante no desenvolvimento da linguagem formal, que deve ser aprendida pelos discentes, a fim de se adaptarem aos contrastantes locais de fala.

**Palavras-chave:** Gênero textual. Oralidade. Seminário.

### INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a discussão sobre gêneros textuais está presente no cotidiano acadêmico. Seus conceitos e funcionalidades são amplamente debatidos a fim de que possamos estabelecer relações comunicativas. Os gêneros textuais são, assim, instrumentos de comunicação presentes no dia-a-dia das pessoas. Seja de modo direto ou indireto, eles se tornam indispensáveis para uma comunicação efetiva entre os seres.

Pensando nisso, Marcuschi (2007) define gêneros textuais como elementos comunicativos dinâmicos e mutáveis, ou seja, que se adequam à situação comunicativa a qual será inserida. Portanto, os gêneros textuais podem ser classificados como as diversas maneiras em que a linguagem é empregada nos textos, estabelecendo-se como manifestações socialmente reconhecidas que almejam conseguir finalidades comunicativas, exercendo funções sociais específicas. Desse modo, os gêneros possibilitam um uso amplo da linguagem, seja de maneira escrita ou oral.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba; pós-graduanda em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido pela Universidade Federal de Campina Grande.

Segundo Silva (2007), oralidade/escrita formam uma dicotomia difícil de dissociar, uma vez que os gêneros não formam estruturas fixas, o que possibilita que os textos passem do oral para o escrito e vice-versa. Alguns gêneros, no entanto, são tipicamente orais e, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000, p. 21), podem ser analisados “em funcionamento, no ato comunicativo, considerando todos os elementos implicados nesse ato” como é o caso do seminário.

O gênero textual oral *seminário* tem algumas características principais: a) a oralização de um material, geralmente escrito, b) uso de linguagem formal, c) apresentação das informações sobre o tema, d) análise do material, dentre outras, que fazem desse gênero um curinga para o uso em sala de aula, uma vez que é possível ser utilizado desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior, se adequando ao nível de cada estudante.

Pensando nisso, portanto, o presente trabalho objetiva analisar as principais características e funcionalidades do gênero seminário; quais suas finalidades; como utilizá-lo em sala de aula, de maneira contextualizada e coerente para facilitar o ensino/aprendizagem. Para que isso seja possível, nos valeremos das contribuições de Marcuschi (2007), Meira e Silva (2016), Silva (2007), Brasil (2000), dentre outros, a fim de que consigamos responder as questões propostas anteriormente.

Por fim, esta pesquisa será organizada em quatro seções, divididas da seguinte maneira: introdução, procedimentos metodológicos, desenvolvimento e resultados e discussões, a fim de que possamos responder aos questionamentos propostos inicialmente de maneira organizada e concisa.

## **METODOLOGIA**

Buscamos, nesta pesquisa, conhecer e estudar o gênero textual seminário. Para que isso seja possível, procuramos realizar uma revisão de literatura sobre a temática, a fim de identificarmos quais são os posicionamentos dos pesquisadores sobre o gênero, assim como o definem e apresentam metodologias para seu uso eficaz.

Desse modo, nos valem de contribuições bibliográficas de pesquisa, que segundo Lakatos e Marconi (2003, p.158) “é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”, ou seja, proporcionam ao pesquisador toda fonte disponível de materiais relevantes sobre o tema a ser estudado.

Esse método de pesquisa, portanto, nos permite olharmos para o tema sob uma perspectiva nova, concordando ou contrapondo algo que já foi estudado, a fim de apresentar novas visões e conhecimentos, o que proporciona um exame sobre a temática abordada e, conseqüentemente, alcançarmos novos resultados.

Para tanto, nos valem da seqüência de planejamento proposta por Lakatos e Marconi (2003) que consiste em indicar as etapas para o levantamento de bibliografia. Sendo assim, buscamos inicialmente elaborar fichas de leitura, a fim de detectarmos quais autores tratam sobre o tema escolhido, conhecer as obras, preparar citações e afins. A seguir realizamos o planejamento, construção do roteiro de produção e finalmente a escrita da pesquisa, cuja finalidade é analisar as concepções de Lakatos e Marconi (2003), Dolz et al (2004), Meira e Silva (2016), Silva (2007) e Balardini (2016) sobre o gênero textual seminário.

## **DESENVOLVIMENTO**

Os gêneros textuais são conteúdos cotidianamente estudados em todos os níveis de ensino. Quando nos voltamos ao âmbito acadêmico, todavia, notamos que o estudo de gênero textual, muitas vezes, é realizado de forma descontextualizada e inapropriada, o que causa mecanização do aprendizado – que termina sendo falho – e reprodução de estereótipos a respeito do que pode ou não ser um gênero textual.

Pensando nisso, Marcuschi (2007) é bastante enfático quando afirma que os gêneros textuais são estruturas extremamente flexíveis e dinâmicas que utilizamos para promover comunicação; em outras palavras, gênero é tudo que usamos para transmitir uma mensagem e nos comunicarmos com outrem. Sendo assim, os gêneros vão do bilhete ao relatório, cruzando uma infinidade de formas de interação.

Os gêneros, portanto, podem ser divididos em dois tipos: os orais e os escritos. Rojo e Schneuwly (2006) afirmam que não há uma relação dicotômica entre eles, uma vez que é possível transformar um gênero oral em um escrito e vice-versa, por meio de um processo de retextualização, o que reforça a tese de que os gêneros estão em constante mudança.

Os gêneros escritos são representados graficamente, ou seja, tem como suporte a escrita. Esse tipo de gênero costuma ser o mais abordado nas escolas, uma vez que é pregado o estereótipo de que já se sabe falar e que na escola deve-se aprender a escrever. Sobre isto, Geraldi (2005, p. 64) destaca que “o exercício de redação, na escola, tem sido um martírio não

só para os alunos, mas também para os professores”. Isso ocorre, pois, o ato de escrever tem se tornado meramente mecânico; ou seja, uma forma de preenchimento das lacunas contextuais dos componentes curriculares escolares.

Os gêneros textuais orais, por sua vez, são aqueles realizados por meio da fala. Sua estrutura pode ser formal ou informal, dependendo do contexto em que será utilizado. Um gênero textual oral formal é aquele utilizado em conferências acadêmicas, juris, plenárias, dentre outras situações que exigem formalidade. Desse modo, um exemplo de gênero textual formal é o discurso de formatura. Os gêneros orais informais são aqueles utilizados em situações comunicativas informais, em uma conversa com amigos, por exemplo. Um arquétipo de gênero oral informal é a música.

Além desses dois tipos, é possível explorar o gênero textual oral público, que, de acordo com Rojo e Schneuwly (2006) são aqueles que podem ser guiados, ou seja, receber instruções para que sejam realizados adequadamente. Esses gêneros costumam apresentar uma linguagem formal, além de regras e procedimentos para execução.

Quando pensamos nos usos dos gêneros textuais em sala de aula, vemos que ainda existe uma prioridade sobre os gêneros escritos em detrimento aos orais, o que impede que os alunos tenham acesso às novas formas de uso da linguagem. Desse modo, Dolz et al (2004) defende que a exposição oral pode e deve ser ensinada e explorada em sala de aula e um dos recursos para que haja a aprendizagem efetiva é o uso mais frequentes dos gêneros orais, como o seminário.

Portanto, conseguimos notar que o ensino da oralidade é tão importante quanto o da escrita, apesar de ainda ser menos trabalhado, e para que esse objeto de estudo seja mais explorado, é necessário que haja orientação, não só para os alunos, mas também para os professores, para que possam instruir bem os estudantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O gênero textual seminário é definido por Lakatos e Marconi (2003) como uma ferramenta de ensino que compreende o estudo de um texto (ou material previamente proposto) para apresentação posterior. Os autores propõem que o seminário pode ser realizado de maneira individual ou em grupos e pode ter suporte audiovisual ou não. Contudo, o mais

importante é que haja a compreensão, e conseqüentemente aprendizado, para que o conhecimento seja repassado de maneira oral posteriormente.

Em concordância com o proposto de Lakatos e Marconi (2003), Dolz et al (2004, p. 220-221) acrescenta que, como todo gênero textual, o seminário necessita de planejamento para que sua execução seja realizada de maneira adequada. Sendo assim, o teórico aponta sete partes para a estruturação do seminário: 1) fase de abertura; 2) fase de introdução do tema; 3) apresentação do plano de exposição; 4) desenvolvimento e encadeamento de temas; 5) fase de recapitulação de síntese; 6) conclusão; e 7) encerramento.

A primeira parte é reservada para a apresentação do expositor (ou expositores, se for um grupo), o qual saúda o público que irá ouvir as considerações a serem apresentadas. Na segunda parte é introduzido o assunto que será tratado, assim como título da obra estudada e autor. A parte seguinte é a apresentação do que será abordado, em forma de tópicos, por exemplo, ou exposto em um roteiro de apresentação. Na quarta fase o conteúdo do material estudado é abordado, trabalhando conceitos-chave, análises e resultados, contudo, seguindo o esquema apresentado anteriormente.

A seguir, o expositor faz a recapitulação do que foi discutido, ou seja, recorda os pontos mais importantes da apresentação. Na sexta parte é realizada a conclusão do material estudado, ou seja, explicita o teor final da obra. Por fim, há o encerramento da apresentação, em que o expositor agradece a atenção e se despede do público. Desse modo, é possível afirmar que o seminário é um gênero previamente estruturado que determina como deve acontecer cada etapa do planejamento a fim de que a realização seja feita adequadamente.

Por conseguinte, Meira e Silva (2016) complementam o processo de planejamento proposto por Dolz et al (2004) e apresentam um ponto importante para a apresentação do seminário: as unidades retóricas na execução do gênero. Essas unidades retóricas fazem alusão ao uso da linguagem de maneira adequada, ou seja, seguindo uma sequência lógica de enunciados e argumentações. Desse modo, é importante que o expositor realize, também, o planejamento da linguagem que será utilizada, uma vez que por meio da fala todo o gênero vai se construir, desde a fase inicial até o encerramento. Silva (2007, p. 10-11) não só corrobora com as perspectivas apresentadas como acrescenta que seminário é

Um evento de letramento escolar cuja constituição envolve a leitura e produção de vários gêneros textuais, tanto orais (exposição oral, debate, discussão), como escritos (textos didáticos, roteiros, esquemas, etc), além de envolver o uso de estratégias de escrita, tais como a citação de referências e a atividade de leitura e sistematização de informações através do fichamento.

Ou seja, o seminário é, além de uma ferramenta de estudo, um instrumento para a aprendizagem de diversos gêneros que poderiam não ser explorados em outras situações. Desse modo, Balardini (2016) apresenta uma série de critérios que devem ser levados em consideração quando o tocante é o ensino do gênero seminário. Ele afirma que para que exista a compreensão sobre o tema exposto, é necessário que algumas orientações sejam seguidas, tais como:

Fale alto e distintamente, nem muito rápido, nem muito lentamente;

Faça pausas, respire, variando a voz para captar atenção e audiência;

Cuide de sua postura, não exagere na gesticulação, mas também, não fique imóvel;

Alterne fala com a apresentação dos documentos (cartazes, mapas, slides de Power Point) e tenha em mãos um plano ou esquema do que você falará na apresentação;

Procure evitar os cacoeses linguísticos (repetição de né, ok, viu, tipo assim, etc) e as mímicas faciais;

Use roupas adequadas ao que a situação exige, não exagere em perfume e penteados extravagantes;

Verifique com antecedência, o local, os lugares, a disposição das cadeiras, e a ventilação do ambiente. Lembre-se de que quando você faz uma exposição oral, seu papel é transmitir um conteúdo, informar, esclarecer e modificar o conhecimento de quem está ouvindo. Caso, ao longo de sua explanação você perceba que os ouvintes estão tendo dificuldades de interpretar, diga de outra forma, reformule, acrescente exemplos... Faça perguntas, para estimular a atenção dos ouvintes e para verificar se seus objetivos estão sendo alcançados, ou seja, se todos estão entendendo sua exposição. (BALARDINI, 2016, p. 8-9).

As instruções de Balardini (2016) apresentam questões pontuadas anteriormente por Dolz et al (2014) quando sugere que é necessário que haja planejamento para a execução do seminário. Contudo, mais que o planejamento da estrutura do gênero, Balardini apresenta noções comportamentais para a apresentação, ou seja, instrui sobre como falar, se portar, se vestir, etc.; de modo que transmite instruções necessárias para pessoas com poucas experiências na execução do seminário.

É notável também o uso dos verbos no imperativo, apresentados pelo autor, que serve, portanto, de comando para os alunos, ou seja, instigam que as regras sejam seguidas de maneira efetiva e sem desvios. Contudo, as orientações necessitam de um mediador para serem apresentadas coerentemente. Neste caso, espera-se que o professor consiga mediar essa interação entre os alunos, a fim de que o gênero seja compreendido. Portanto, a construção do seminário deve ser realizada em conjunto, pelo mediador e expositor, para que seja coerente, seguindo as premissas apresentadas até aqui.

Além disso, Bueno (2018) apresenta uma nova perspectiva a respeito do gênero. Ela afirma que há a necessidade de explorar práticas não-linguísticas com tanta veemência quanto as práticas linguísticas, para que, assim, o gênero possa ser bem executado, ou seja, procedimentos como adequar a postura diante do público, manter a qualidade da voz, não utilizar gestos excessivos e usar roupas adequadas à situação devem ser critérios explorados no ato da execução do seminário. Desse modo, Bueno (2018, p. 12) afirma:

é preciso rever a nossa concepção de trabalho com seminário e dividi-lo em duas etapas, sendo a primeira a preparação e a segunda a apresentação. Assim, a preparação diz respeito à organização do grupo, do tempo e distribuição das tarefas, pesquisa e leitura de textos, fichamentos, preparação da apresentação – elaboração do roteiro e dos slides/transparências, ensaio da apresentação e teste/treino com aparelhos audiovisuais. A segunda etapa refere-se ao seminário propriamente dito, em que, além de saber a linguagem adequada, o conteúdo a ser trabalhado e a ordem de apresentação, será preciso ter claro qual a aparência e postura física a ser adotada (roupas, mãos, olhares, tom da voz etc.) para que se consiga atingir a finalidade do seminário.

Sendo assim, a prática do seminário não só contribui para a aprendizagem do (s) apresentador (es), como também estimula o desenvolvimento de práticas cognitivas pouco exploradas em sala de aula, como controlar o timbre e ritmo da fala, por exemplo. Essa prática implica em aprendizagens físicas, intelectuais e comportamentais, o que torna o gênero bastante interessante de se utilizar em sala de aula, uma vez que desenvolve mais de uma forma de cognição. Portanto, se bem discutido, ensinado e executado, o seminário pode ser um dos maiores aliados ao ensino nos mais variados níveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem proposto por Dolz et al (2004), o seminário exige um processo de planejamento que perpassa pela escolha do material de estudo, pela leitura do material, interpretação, elaboração de mecanismos para apresentação (geralmente escritos), apresentação e encerramento. Esse processo instiga o desenvolvimento da escrita e da oralidade e proporciona que o conhecimento adquirido seja repassado para o público alvo.

Diante da análise dos dados obtidos, portanto, pode-se afirmar que o gênero seminário é bastante importante para o processo de ensino/aprendizagem. Isso ocorre, pois, o gênero pode ser utilizado em todos os âmbitos de ensino, do Fundamental ao Superior, o que torna a ferramenta de aprendizagem um mecanismo útil, se bem executado.

Desse modo, pode-se considerar que o seminário é composto por um conjunto de elementos de estudo (ler, escrever, falar) que pode ser utilizado em sala de aula, não só como

modo de avaliação, mas também como um método de ensino que prepara os discentes para se comunicarem com o público, apresentarem ideias pautadas em fundamentos e construir conhecimentos a partir da troca de informações.

Portanto, pode-se afirmar que, muito além de ser uma estrutura que pode ser ensinada, o seminário é uma ferramenta multidisciplinar capaz de proporcionar desenvolvimento em diversas áreas da cognição; então, o gênero não pode ser resumido apenas a oral ou escrito, mas abrangido em sentidos e funções sociocognitivas que produzem novos ensinamentos e maneiras de agir.

## REFERÊNCIAS

- BALARDINI, E. *Exposições Oraís com foco no gênero seminário*. 2016.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2000.
- BUENO, Luzia. *Gêneros oraís: elementos linguísticos e não-linguísticos*. 2018.
- DOLZ, J. et al. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, B. et al. *Gêneros oraís e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 215-246.
- GERALDI, J.W. (Org). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2005.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A., MACHADO, A.; BEZERRA, M. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MEIRA, G. H. S.; SILVA, W. M. Didatização dos saberes no seminário escolar: o papel das unidades retóricas. In: ARAÚJO, D. L.; DILVA, W. M. (Orgs.). *A oralidade em foco: conceitos, descrição e experiências de ensino*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 63-103.
- ROJO, R; SCHNEUWLY, B. As relações oral/escrita nos gêneros oraís formais e públicos: o caso da conferência acadêmica. *Linguagem em (Dis)curso*, 2006, vol. 6, no. 3, p. 463-493.
- SILVA, M. C. *O Letramento Escolar: descrição de uma proposta de ensino do seminário*. 2007.